

Editor: Carlos Marcelo  
pensar.df@diariosassociados.com.br  
Tel. 3214-1178 • Fax 3214-1194

pensar

# USINA DE AFETOS

O pernambucano José Luiz Passos fala ao *Correio* sobre seu romance de estreia, o vigoroso *Nosso grão mais fino*, que explora as possibilidades de reinvenção da memória a partir das lembranças e impasses de dois amantes

CARLOS MARCELO  
DA EQUIPE DO CORREIO

Um romance que trata a memória como um jogo de consolo e flagelação a partir do impasse entre dois amantes. Do desencontro de duas pessoas que, por diversos motivos, não podem ficar juntas surge o vigor da narrativa de *Nosso grão mais fino*, estreia na ficção do pernambucano José Luiz Passos. A história de Vicente e Ana, personagens que padecem de “nostalgia da modernidade”, tem como pano de fundo a decadência das usinas de açúcar em Pernambuco. “Desde a geração dos narradores de 1930 que tal conjunção entre amor e ruína familiar é dominada por uma forte nostalgia pela tradição. Perguntei-me como poderia voltar ao tema a partir de outra perspectiva”, explica o autor, em entrevista ao *Correio*. Nascido em 1971 e formado em sociologia, com doutorado em Letras, Passos deu aulas de literatura em Berkeley (EUA) por nove anos e agora ensina na Universidade da Califórnia, em Los Angeles. A seguir, o escritor detalha o longo processo de feitura de *Nosso grão... revela a influência de Osman Lins e Raduan Nassar, explica sua aversão ao regionalismo como tipificação e antecipa o ensaio que prepara sobre as convergências entre as obras de Henry James e Machado de Assis.*

Como as vivências em Recife, São Paulo e Berkeley enriqueceram a sua visão como escritor?

Demorei muito a me acostumar com o fato de que havia vários lugares para onde gostaria ou precisaria voltar de tempos em tempos. Viver entre dois mundos não é simples. Em geral, a memória de um espaço em particular se sobrepõe aos demais e se transforma numa Meca do coração. O trânsito entre cidades de vários portes, em dois países tão diferentes, me deu a convicção de que a ideia da “origem” ou de “sentir-se em casa” é um acordo entre as partes que constituem a história afetiva do indivíduo. E tal construção é muito mais consciente do que se imagina. Como escritor, isso me alimenta. Sinto-me muito à vontade em São Paulo e Los Angeles. Em *Nosso grão mais fino*, no entanto, adotei uma estratégia contrária: os amantes querem de volta um lugar e um tempo que não há mais. E o retorno reiterado a esses instantes de arrebatamento funciona como um modo de revigorar uma relação abortada por circunstância adversas. No livro, os amantes estão sempre indo e vindo, ou imaginando outros lugares, porque não se sentem à vontade com o que têm ou onde estão.

“O CORONEL, O SENHOR DE ENGENHO À ANTIGA, O AMARELINHO ESPERTO, O RETIRANTE, O CANGACEIRO SÃO TIPOS PARA OS QUAIS HOJE EM DIA É DIFÍCIL DAR, NA FICÇÃO, UMA ALMA MAIOR OU MAIS INDIVIDUALIZADA, SEM RESVALAR PARA O LADO DA BURLA OU DA COMISERAÇÃO”

“HÁ MUITA VARIEDADE NA FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA. ENTRE AS VÁRIAS TENDÊNCIAS, HÁ UMA QUE RESGATA O FARDO DA PARTICULARIDADE, A MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA E DESIGUAL ENTRE AS REGIÕES, AS INFLEXÕES NOS DISCURSOS E NAS PRÁTICAS DE COMUNIDADES FORA DOS GRANDE CENTROS URBANOS DO SUDESTE”

Em entrevista de divulgação, você afirma que o assunto do Nordeste é “uma via perigosa da qual tento me afastar enquanto um tema deliberado”. Quais são os perigos dessa via?

O perigo está na tipificação; no reforço dos estereótipos ligados a uma região, a uma comunidade ou a uma cultura específica. Claro, para cada escritor isso funcionará de modo diferente. Para mim, seria muito difícil escrever sobre as figuras que tradicionalmente associamos à imaginação do Nordeste. O coronel, o senhor de engenho à antiga, o amarelinho esperto, o retirante, o cangaceiro são tipos para os quais hoje em dia é difícil dar, na ficção, uma alma maior ou mais individualizada, sem resvalar para o lado da burla ou da comisseração. Em meu romance busquei outras biografias: o químico, a escritora infantil frustrada, o industrial estrangeiro, o pintor com função de oráculo etc. E muito embora eles estejam inseridos num universo nordestino, não creio que o tema do romance seja a formação ou o funcionamento da sociedade nordestina como tal. O que há ali relacionado ao compadrio, à modernização canavieira, ao patriarcado familiar, creio eu, entra como pano de fundo para dramas que tentei tornar mais individuais e livres dos rótulos sociológicos comuns.

“Quando for presente, o futuro soar”, afirma o narrador. Essa certeza vale também para o tempo de maturação de um romance?

A frase é um sintoma da crise que o narrador experimenta diante da frustração de um amor que ele julgava ser predestinado a dar certo. Há muito autoengano no modo como Vicente se coloca no mundo. Quanto a mim, diria que o tempo de amadurecimento de *Nosso grão mais fino* (seis anos no forno) corresponde à minha tentativa de driblar as armadilhas que eu próprio lancei. A necessidade de escrever livros e dar aulas de literatura, fazer e refazer a vida entre duas ou três cidades, atender às demandas de uma família que de repente cresce e encolhe, e também evitar o lugar-comum ou a repetição de velhas fórmulas narrativas, tudo isso fez com que a redação do romance durasse mais do que eu esperava. Depois, reescrevê-lo obsessivamente transformou-se em um demônio companheiro. Dar um romance por acabado é em parte fazer jus a um caminho igualmente deliberado e acidental. A maturidade é saber quando parar. Neste sentido, o futuro soa porque queremos que ele soe.

“O lugar de todos esses tempos e, ainda ali, os campos e as extraordinárias máquinas da velha Santo Antônio”. Como as suas lembranças e as histórias que você ouviu de sua família influenciaram a narrativa?

Essas lembranças e histórias formam o próprio fio da narrativa. Vivi sempre em cidades grandes, mas entre duas famílias para as quais o campo estava ligado à ideia de um passado mais atraente que o presente. O apego à retrospecção ora funcionava como modo de cegar-se para o dia a dia, ora como maneira de reencantar o mundo presente. Eu próprio partilhei disso durante algum tempo. Hoje tenho uma visão diferente. Porém, não preciso dizer que tal afeição pelo que é baldado ou pelo que não volta me deu a linha de fé para o romance. Reuni em *Nosso grão mais fino* histórias de meu avós, de meus pais, de outros escritores; e não excluí as que eu próprio vivi, tal como de início era a minha intenção.

A literatura brasileira contemporânea, nos últimos anos, viveu sob o impacto de temáticas urbanas e realistas. Seu livro não trafega em nenhum dos dois caminhos. Você se vê nadando contra a corrente? Quais escritores nacionais — contemporâneos ou não — você admira, sem que isso represente necessariamente uma influência na sua obra?

Não creio que meu romance necessariamente na-de contra a corrente. Há muita variedade na ficção brasileira contemporânea. Entre as várias tendências, há uma que resgata o fardo da particularidade, a modernização conservadora e desigual entre as regiões, as inflexões nos discursos e nas práticas de comunidades fora dos grande centros urbanos do Sudeste. Há lugar para todos. O desafio é fazer com que uma história interessante seja contada de modo convincente. A adequação entre a linguagem e a matéria tratada é talvez o elemento mais difícil em narrativas de ficção. São muitos e variados os escritores que li, ensinei e mantenho à cabeceira. Destaco três que me impressionaram pelo modo como resolveram esta adequação à qual me referi. Osman Lins, Raduan Nassar e Francisco Dantas. Li-os repetidas vezes buscando uma solução minha para um problema com o qual eles souberam lidar com verdadeira maestria: intensificar a linguagem e ao mesmo tempo usá-la para adensar a fábula, fazendo com que a inovação se transforme em motor do interesse do leitor.

O que é mais marcante na experiência como professor de literatura em uma universidade dos EUA?

Creio que o mais marcante é ensinar a literatura brasileira como mais uma das muitas literaturas estrangeiras que transitam por aqui; e buscar entre elas os possíveis pontos de contato. É também não poder contar necessariamente com nenhuma base de informação cultural ou histórica por parte do aluno. Está fora de cena todo aquele estoque de ideias e representações com o qual conta, em diferentes graus, o alunado ou os leitores brasileiros. É um desafio de síntese e concisão e releituras. É também um modo de permanecer sempre alerta a perguntas cuja sincera ingenuidade é desconcertante.

Você trabalha em um livro sobre as afinidades entre Henry James e Machado de Assis. Poderia antecipar os principais pontos de convergência entre as obras dos dois escritores?

Muito já se disse a respeito de tal afinidade, mas pouco foi posto no papel. Em geral, o ponto em questão é a densidade do realismo psicológico presente em ambos os autores. Além disso, também certo perspectivismo em comum, que marca as narrativas em primeira pessoa, como *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, ou aquelas numa terceira pessoa interessada, como no caso de *Os embaixadores* (1903), de Henry James. Estou estudando as fontes do adensamento de seus narradores e protagonistas finais. Tento relacionar a ideia dessa experiência intensa de revisão do eu com o deslocamento no tempo e no espaço. Ou seja, quando esses protagonistas e narradores imaginam alternativas para as suas circunstâncias, e se deslocam literal ou figurativamente, a narrativa resulta mais intrincada e se abre a uma mirada mais cosmopolita frente ao mundo.

Editora Objetiva/Divulgação



JOSÉ LUIZ PASSOS: O AMOR COMO NEGOCIAÇÃO NERVOSA

## SOB O NORTE DE FAULKNER

RICARDO LÍSIAS  
ESPECIAL PARA O CORREIO

*Nosso grão mais fino*, estreia na ficção de José Luiz Passos, é outro bom argumento para provar que muito recentemente a literatura brasileira está melhorando bastante. Com ritmos variados e uma linguagem exuberante, o livro descreve o retorno ao passado que um casal, depois de anos separados e muitos traumas, resolve empreender. Tanto em cada capítulo quanto na inteireza do livro, o texto é fragmentário, já que trata basicamente de fraturas afetivas. Logo no começo, nebuloso e muito mal resolvido, um suicídio impõe a primeira

conclusão, precoce mas obrigatória: a trama irá caminhar com muitas sombras ao pé dos amantes. Trata-se de um livro com poucas luzes, o que reforça o choque, já que a linguagem, como na cena citada, está sempre resvalando no esplendor.

Como toda rememoração, a de *Nosso grão mais fino* não se completa. O livro cria uma trama com dois lados (a vida em comum dos protagonistas e a outra), mas se concentra em apenas um deles. O procedimento, sutil e muito efetivo, deixa o leitor sempre em estado de tensão. Ela nunca transbordará, porém, porque não haverá encontros possíveis, apenas aproximações temerosas. O amor, aqui, é sobretudo uma negociação nervosa entre dois corpos ansiosos e, por sua vez, cheios de medo e desarmonias. De fato, paixão e passado parecem nunca se dar muito bem.

Entre as tantas questões literárias que o livro instiga, uma delas faz eco em outros lançamentos recentes, e ainda não parece ter sido muito bem digerida: a migração que a literatura brasileira contemporânea aparenta estar tentando fazer da história, sempre sua preferência, para a geografia. *Nosso grão mais fino* é cheio de referências que, mesmo sendo auxiliares à memória, compõem cenários e desenham mapas literários que podem ajudar o leitor a encontrar o caminho.

“O romance trata do impasse entre dois amantes”, você define. Quais os limites e desejos desses amantes?

O romance narra o desencontro de duas pessoas que, por diversos motivos, não podem estar juntas. Na tentativa de superar ou compensar esse fato, eles desatam fantasias que justificam ou transfiguram a distância. O resultado dessas fantasias é em geral um retorno ao passado familiar ou o convite a um terceiro membro, para que então uma triangulação amorosa potencialize o desejo e faça-o perdurar. Afinal, a interdição é em geral uma usina de afetos.

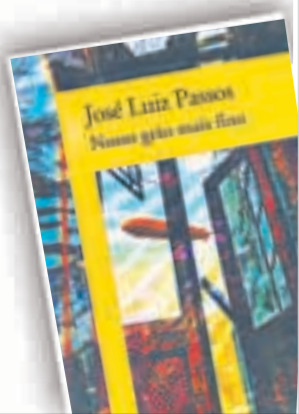
Em última instância, você acredita que *Nosso grão mais fino* é um livro que explora as possibilidades de reinvenção da memória?

Sem dúvida. No romance trato a memória como um jogo de consolo e flagelação. Os amantes estão em parte conscientes da construção do passado. Mas também estão conscientes do fato de que mesmo um passado inventado lhes serve de companhia e restauração do desejo. A epígrafe original do romance, que depois retirei, era esta: “Todo doce se converte em cólera”. A memória é precisamente a via de mão dupla que permite essa passagem de um termo a outro. Por ela vamos do doce à cólera, e vice-versa.

O primeiro deles é o que indica o norte privilegiado por Passos, o da obra de outro grande geógrafo da ficção: William Faulkner. Planos compostos pela linguagem, tensões indicadas por abismos formais e transbordamentos afetivos erguidos através de encheses poderosas indicam que finalmente nossa literatura parece ter percebido que não há problemas em ultrapassar limites em busca de outras tradições e que, mais ainda, talvez essa seja a única maneira de conseguir algo esteticamente novo e de relevo.

Formado por uma sucessão de cenas marcantes, como é a memória, *Nosso grão mais fino* termina com uma epifania extremamente poderosa. Não vou adiantá-la, claro, mas ressalto que a força da narrativa consegue, inclusive, operar uma espécie de aproximação entre Faulkner e João Cabral de Melo Neto, no que Passos surpreende de novo. Trata-se de um ritual de passagem entre os dois lados que eu citei, mas o segundo não fica revelado. O livro, então, se fecha com esse ritual que, mais do que uma celebração, parece ser a prova de que os afetos não estão destinados a se completar. A literatura, então, vai mais longe que eles. Às vezes, muito mais.

RICARDO LÍSIAS É ESCRITOR, AUTOR DE ANNA O E OUTRAS NOVELAS



NOSSO GRÃO MAIS FINO  
De José Luiz Passos.  
Alfaguara,  
168 páginas.  
R\$ 37,90.

Rodrigo Rodrigues/Reprodução